

Marcelo da Silva Araujo Lima

Contribuições de Reich para a compreensão da anorgasmia

Uberlândia

2018

Marcelo da Silva Araujo Lima

Contribuições de Reich para a compreensão da anorgasmia

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno .

Uberlândia

2018

Marcelo da Silva Araujo Lima

Contribuições de Reich para a compreensão da anorgasmia

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno.

Banca Examinadora

Uberlândia, 11 de Dezembro de 2018

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia. MG

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia. MG

Prof. Dr. Fernando Silva Paula

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia. MG

Uberlândia

2018

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo propósito e sentido que encontrei na vida através dele.

A minha família pelo apoio, encorajamento e paciência em todos os momentos.

Aos amigos e colegas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse a esse momento, em especial ao grupo Os CINCO pela união e colaboração nos trabalhos e apoio nos momentos bons e ruins que atravessamos ao longo do curso.

Aos professores do Instituto de Psicologia da UFU que contribuíram com a minha formação.

Aos técnicos administrativos do IPUFU que sempre se mostraram prestativos quando precisei.

Ao professor doutor Caio Próchno por aceitar me orientar nesse trabalho de conclusão de curso.

“sim, dormi com ele e mais três. E nenhum me deu um pouco deste prazer que os deixam semimortos a meu lado; nenhum me amou o suficiente para ler em meus olhos a decepção, a fome e a sede daquilo com que eu os satisfazia. Nenhum... nunca... Serei amaldiçoada? Terei uma doença que não se descobre?” Collete (1909)

RESUMO

A sexualidade se configura como uma característica da condição humana. Trata-se de um conceito amplo, que inclui tanto as questões acerca do corpo quanto aquelas às quais se atribuem a qualificação de sexuais, ou seja, referentes às experiências pertinentes ao campo do erotismo. Dentre as possibilidades de vivência da sexualidade encontra-se o sexo, experiência corpórea e libidinal na qual se intenta o ápice, nomeado orgasmo. O objetivo desta pesquisa é compreender de forma amplificada a anorgasmia feminina – compreendida como a ausência ou dificuldade recorrente de ter orgasmo mesmo quando há o desejo sexual e todas as respostas satisfatórias por parte da mulher para o ato sexual. Segundo estudos na área, assinala-se que em média, 30% das mulheres brasileiras em idade fértil apresentem essa disfunção, e por consequência tem sua qualidade de vida afetada. Este estudo, que tem por metodologia a pesquisa básica, intenta-se contextualizar a sexualidade das mulheres sob perspectivas socioculturais, propondo uma breve reflexão sobre padrões e vivências experimentados pelas mulheres na constituição social de uma cultura do feminino e, então, analisar o fenômeno da anorgasmia a partir dos postulados teóricos de Wilhelm Reich, considerando o corpo e as questões subjetivas acerca da sexualidade para as mulheres. Embora não haja no Brasil muitos estudos que abordem a anorgasmia, em especial dentro de uma perspectiva reichiana, esse estudo nos permitiu contemplar o quanto a teoria proposta por Reich sobre o orgasmo abre possibilidades para uma compreensão mais ampla da etiologia da anorgasmia e, posteriormente, seu tratamento.

Palavras – chave: Anorgasmia feminina; Reich; sexualidade; orgasmo.

Abstract

Sexuality is a characteristic of the human condition. It is a broad concept, which includes both the questions about the body and those to which the qualification of sexual, that is, referring to the experiences pertinent to the field of eroticism. Among the possibilities of experiencing sexuality is sex, bodily and libidinal experience in which the apex, called orgasm, is attempted. The aim of this research is to comprehend in an amplified way the female anorgasmia - understood as the recurrent absence or difficulty of having orgasm even when there is sexual desire and all the satisfactory answers on the part of the woman for the sexual act. According to surveys in the area, it is pointed out that, on average, 30% of Brazilian women of childbearing age present this dysfunction, and consequently their quality of life is affected. This study, which has as basic research methodology, seeks to contextualize the sexuality of women under sociocultural perspectives, proposing a brief reflection on the patterns and experiences experienced by women in the social constitution of a culture of the feminine and then, analyzing the phenomenon of anorgasmia from the theoretical postulates of Wilhelm Reich, considering the body and subjective questions about sexuality for women. Although there are not many researches in Brazil that address anorgasmia, especially from a reichian perspective, this article allowed us to contemplate how much the theory proposed by Reich on orgasm opens possibilities for a broader understanding of the etiology of anorgasmia and, later, treatment.

Key words: female anorgasmia; Reich; sexuality; orgasm

INTRODUÇÃO

A sexualidade se configura como uma característica da condição humana. Trata-se de um conceito amplo, que inclui tanto as questões acerca do corpo quanto aquelas às quais se atribuem a qualificação de sexuais, ou seja, referentes às experiências pertinentes ao campo do erotismo. Dentre as possibilidades de vivência da sexualidade encontra-se o sexo, experiência corpórea e libidinal na qual se intenta o ápice, nomeado orgasmo. Quando durante a relação sexual este fenômeno se abstém para um indivíduo de forma sistemática constitui-se a anorgasmia. O termo refere-se à uma disfunção sexual que, segundo Anjos e Oliveira (2007, p.1), é mais frequente entre mulheres, causada pela “dificuldade para se atingir o orgasmo, apesar de haver interesse sexual e todas as respostas satisfatórias para realizar o ato sexual”. Esta dificuldade feminina nomeia um campo de estudo: a anorgasmia feminina.

No tocante de disfunções nas vivências sexuais, faz-se necessário ampliar os conceitos. Em termos de definição teórica, a sexualidade está presente em uma pessoa desde o seu nascimento e designa-se como

a maneira como o indivíduo se apresenta no âmbito em que vive e na interação com outros, caracterizando-se, fundamentalmente, pela forma de sentir e de distinguir o próprio corpo, por apresentar afeto, expressar sentimentos e emoções vivenciadas durante a vida, variando de uma pessoa para outra conforme as situações e peculiaridades individuais. Portanto, expressa fatores sociais, históricos, culturais, ambientais e afetuosos. (Tozo et. al., 2007, citado por Dias, Santos, Pereira & Vasconcelos, 2015, p.2)

Ancorada nos supramencionados fatores sociais, históricos, culturais e ambientais, a anorgasmia feminina apresenta questões passíveis de análise sob duas perspectivas: a dos fatores internos e externos. Isto se deve ao fato de que a sexualidade feminina está ancorada em características de ordem tanto bio-psicológicas quanto socioculturais. Os fatores psíquicos

abrangem a aprendizagem, o desenvolvimento sexual, questões relacionais bem como traumas e/ou experiências sexuais negativas. Aliados a estes, encontram-se os tabus, questões morais, religiosas e educacionais e a aceitação da sociedade compondo o aspecto sociocultural associado à disfunção (Olivet, 2009).

Sobre o aspecto psicológico, propõe-se um aprofundamento da análise dos termos psíquicos e subjetivos a partir de uma base psicanalítica, estruturada posteriormente em abstrações somáticas ou corporais. Deste modo é possível considerar a libido e os seus investimentos como manifestações dinâmicas da sexualidade (Freud, 1920) e as repercussões da mente como reflexos na estrutura física do corpo através de descargas bioenergéticas (Reich, 1975).

A movimentação e concentração desta energia vital, bem como sua descarga constituem as fases primordiais do curso de excitação sexual que culmina no orgasmo. Baseando-se nos postulados de Wilhelm Reich de 1978, Oliveira (2015) descreve este processo enumerando os seguintes elementos:

a tensão mecânica, por intumescimento dos órgãos sexuais de fluidos; a carga bioenergética, que é resultante de uma intensa excitação; a descarga bioenergética, que implica em se descarregar a excitação sexual em contrações musculares; o relaxamento mecânico, que é o relaxamento físico. Após o contato físico, a energia fica acumulada em ambos os corpos. Por fim, é descarregada em forma de orgasmo, o qual é essencialmente um fenômeno de descarga da bioenergia. (Oliveira, 2015, p.7).

Olivet (2009) compila, entretanto, que o orgasmo é uma experiência tanto física quanto subjetiva, de modo que as modulações de prazer e intensidade tornam-se variáveis à medida da quantidade e qualidade da estimulação sexual, e estão relacionadas ao contexto. Cassetari da Silva (2015) recorre aos fundamentos reichianos para constatar que os

impedimentos dados ao orgasmo não estão locados apenas no meio externo, mas provém de restrições no imo da formação bio-psíquica do sujeito, presentes no inconsciente e no próprio corpo através de suas manifestações. A autora explica que

A potência corporal e psíquica presente na sexualidade é a libido. Esta entendida como uma energia de ordem orgânica liberada na convulsão do orgasmo, resultante da capacidade orgástica de sentir prazer. Entretanto, em casos nos quais a vontade orgasmática é intensa, mas, mesmo diante deste fato, não se consegue o almejado prazer, algo sofre modificações, debilitando tal capacidade orgástica (Cassetari da Silva, 2015, p.114).

Assim, as repressões sexuais inferem sobre a libido uma restrição de seu fluxo, limitando a potência de sua expressão nos atos físicos, ou no que Oliveira (2014) define como potência orgástica conforme a teoria de Reich. Segundo a autora

Reich percebeu ainda que, os indivíduos criados com uma atitude negativa, repressora e repugnante diante da vida e do ato sexual, contraem seus corpos num movimento de tensão muscular, impedindo a livre circulação energética, criando uma rigidez muscular (couraça muscular). Uma espécie de ancoragem fisiológica de uma experiência psíquica (Oliveira, 2014, p.7).

Tais experiências restritivas, contudo, não se constituem exclusivamente nas relações concernentes à expressão da sexualidade. Boa parte dos elementos repressores encontra-se atrelada aos contextos sociais e influências culturais aos quais as expectativas da feminilidade e a conduta social das mulheres se associam. Foucault (1984) explica a vivência da sexualidade escorada em uma “cultura de si” fundada nas tradições patriarcais da idade antiga e perpetuada ao longo dos séculos pelos dogmas cristãos. Elencados no desenrolar da história encontram-se elementos coercitivos da expressão da sexualidade conforme argumenta o autor

:

Desconfiança face aos prazeres, insistência sobre os efeitos de seu abuso para o corpo e para a alma, valorização do casamento e das suas obrigações conjugais, desafeição com relação às significações espirituais atribuídas ao amor pelos rapazes: existe no pensamento dos filósofos e dos médicos, no decorrer dos dois primeiros séculos, toda uma severidade (...). Aliás, constitui um fato os autores cristãos tomarem, dessa moral empréstimos maciços - explícitos ou não; e a maior parte dos historiadores atuais concorda em reconhecer a existência, o vigor e o reforço desses temas de austeridade sexual numa sociedade na qual os contemporâneos descreviam, frequentemente para reprová-los, a imoralidade e os costumes dissolutos. (Foucault, 1984, p.45).

Estes elementos coercitivos são a base dos mitos fundadores da cultura, composições que traçam os caminhos para a repressão no plano psíquico. Ceccarelli (2012) esclarece que, em termos psicanalíticos, o mecanismo de recalque da sexualidade institui um movimento global que norteia o fluxo pulsional humano, caracterizando-se como condição primeira para que se haja um estado de cultura. Em um estágio além, a engrenagem psíquica que orchestra a repressão da sexualidade origina a moral sexual, subordinada ao sistema de valores que ampara o imaginário social. O autor complementa afirmando que “ainda que alguns sujeitos não se deixem influenciar pelos mitos de origem, eles não são imunes às suas influências devido à introjeção dos ideais sociais.” (Ceccarelli, 2012, p.31).

Em termos de ideais sociais há uma componente da cultura ocidental na contemporaneidade que acentua a estruturação dos mitos de repressão subjetiva: o lugar da mulher na sociedade, referindo-se a uma subordinação histórica. Goldberg, Baptista, Barreto, Menezes e Arruda (1975) relacionam que emerge da sexualidade a “função ideológica dos mitos da feminilidade: enquanto fontes de pressão e controle operam na preservação da estrutura social discriminativa.” (Goldberg, Baptista, Barreto, Menezes & Arruda, 1975, p.96). Assim, estima-se o uso da repressão sexual feminina como uma garantia de padrões

estabelecidos como tradicionais, termo que segundo Biasoli-Alves (2000) “procura marcar a diferença com os padrões comportamentais desejáveis que a Modernidade trouxe”.

A estrutura dos padrões tradicionais é formada pelos valores adotados por grupos integrantes de uma sociedade que estabelecem como herança um sistema de crenças que influi nas gerações atuais reflexos de gerações anteriores. Delineando as continuidades e rupturas no lugar social da mulher nas últimas décadas, Biasoli-Alves (2000) observa que em relação aos padrões geracionais se

evidencia um conjunto de valores presentes, de forma maciça, em diferentes camadas da população (médias e populares); alguns aplicar-se-iam indistintamente ao menino e à menina: “Respeito”, “Obediência”, “Honestidade”, “Trabalho”; mas outros seriam apenas ligados ao contingente feminino: “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação”, “Prendas Domésticas e Habilidades Manuais”. Esses valores recebem o rótulo de tradicionais, e cada grupo mostra, claramente, o que é esperado de um menino/rapaz e o que vem a ser o desejável para uma menina/moça. (Biasoli-Alves, 2000, p.234).

Neste sentido, constata-se os padrões e crenças que culminam nos valores tradicionais, refletidos no comportamento dos indivíduos nas instituições sociais, como uma edificação historicamente sedimentada. Em relação à condição social da mulher, ela não é dada simplesmente pelo nascimento, mas concedida por um conjunto de elementos que a definem. Simone de Beauvoir elucida que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (Beauvoir, 1967, p.9).

Ou seja, a análise da sexualidade feminina é atravessada por uma relação de poder. Em uma condição social orientada por uma memória patriarcal cultivada em uma espécie de

castração dogmática moral e religiosa, as atribuições do feminino encontram-se hierarquicamente inferiores às liberdades concedidas aos homens. Em reflexão à crítica social sobre a repressão estabelecida nos postulados reichianos, Giddens (1992, p.177) considera que “a sexualidade, expressa de modo adequado, é a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de poder. Alguém que tem a 'sensação de uma vida viva' tem uma autonomia que vem da nutrição das potencialidades do eu.” (Giddens, 1992, p.177).

Neste sentido dá-se a importância do rompimento as barreiras castradoras presentes na cultura e no mito do feminino. Aponta-se a vivência da sexualidade, mais precisamente o orgasmo, como um fator equiparativo das relações humanas emancipadas de gênero. Relevadas as distinções biológicas do orgasmo para homens e mulheres (função reprodutiva no aspecto masculino), o clímax sexual provoca reações fisiológicas de prazer intenso passíveis de serem vivenciadas por qualquer indivíduo indistintamente (Santos, Pereira & Vasconcelos, 2014).

Para além da realização das questões biológicas e sociais, encontram-se os fatores subjetivos designados pelo investimento libidinal destinado a realização das pulsões de natureza sexual. Bearzoti (1993, p.113) explica que “quando a libido do ego é deslocada para os objetos sexuais eles se tornam investidos de energia libidinosa e, nessas condições, a libido do ego se torna objetal”. Para o autor, a sexualidade é compreendida como “energia vital instintiva passível de variações quantitativas, vinculada à homeostase e às relações sociais.” (Bearzoti, 1993, p.116). Nos termos da psicanálise freudiana, a libido é a força geradora das manifestações dinâmicas da sexualidade que desloca-se no psiquismo a fim de satisfazer, vias descargas objetais - em outras palavras, projetadas no externo (Bearzoti, 1993) - as pulsões de vida e morte que se realizam concomitantemente no orgasmo.

No caso da anorgasmia feminina, porém, o deslocamento satisfatório da libido não ocorre. As restrições repressivas apresentadas pelos meios externos deixam vestígios no

ambiente intrapsíquico impondo barreiras que dificultam ou impedem que a mulher atinja o orgasmo, caracterizando a queixa de três em cada cinco mulheres que procuram por um especialista em sexualidade. (Grego, Souza & Bernava, 2015).

OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa é compreender o fenômeno da anorgasmia a partir dos postulados teóricos de Wilhelm Reich, considerando o corpo e as questões subjetivas acerca da sexualidade para as mulheres.

METODOLOGIA

Trata-se a presente investigação de uma pesquisa básica, cujo intuito é ampliar o conhecimento teórico acerca da anorgasmia feminina, gerando informações úteis tanto para os meios acadêmicos quanto para a comunidade em geral. Os estudos orientados pela pesquisa básica pura são aqueles “direcionados pela busca do entendimento, sem interesses práticos” (Ipiranga & Almeida, 2012).

Entretanto, ainda que as pesquisas básicas não constituam em si a aplicabilidade como fim, são de fundamental importância para a ampliação e manutenção da base de conhecimentos em uma determinada área, garantindo a atualidade de dados e informações analisadas sob um prisma contemporâneo. Além disso, esta modalidade de pesquisa assegura a ampliação da formação pessoal dos pesquisadores bem como é o que possibilita que novas pesquisas surjam em um determinado campo de conhecimento, impulsionando o aprofundamento de informações e impulsionando a produção de novas pesquisas (Avila-Pires, 1987).

Nesta perspectiva, intenta-se ao abordar a anorgasmia como objeto de análise, ampliar os conceitos que constituem o fenômeno explorando seus aspectos psíquicos e sociais, além de fornecer novas perspectivas na relação entre corpo e sociedade. Desta forma, a proposta de

explorar os fatores intra e extra corpóreos circunscritos na ausência de orgasmos entre mulheres possibilita um ensaio sobre o tema calçado na contemporaneidade e seus desdobramentos, suscitando novos olhares sobre a questão.

Wilhelm Reich: trajetória e teoria

Ao longo de sua trajetória científica, Wilhelm Reich postulou notórias considerações acerca do psiquismo humano orientado em concomitância com os contextos sociais de sua época, pautados na ordem, moral e nos conceitos circundantes à dominação. Para além destas observações, Reich desenvolveu metodologias que revelam caminhos de uma prática psicanalítica que considera o corpo como entidade una à psique de tal modo que as subjetividades se refletem na postura e nos movimentos corporais (Oliveira, 2015).

Primogênito de uma família abastada, as vivências de sua infância permeadas por questões de ordem econômica contribuíram para os significados de sua produção que, segundo Albertini (2011), atrela vida e obra em um único projeto. Nascido no dia 24 de março de 1897 em uma aldeia na região de Dobrzynica, geograficamente localizada nas terras do antigo império austro-húngaro, Wilhelm foi o primeiro filho de Cäcilie e Leon Reich, seguido de Robert, 3 anos mais novo. Após a compra de uma grande fazenda no lado germano-ucraniano da Áustria, a família mudou-se para Jujintz, na província de Bukovina (Albertini, 2011).

No sentido de sua criação rígida e conservadora por parte de seu pai e sua educação estruturada na cultura alemã, efetuada na própria fazenda e prestada por tutores especialmente contratados (Albertini, 2011), é significativa a afirmação de que “pensar na história como Reich a experienciou, abre um leque de possibilidades reflexivas sobre como ele foi construindo sua teoria” (Oliveira, 2015, p.6). Não somente os fatos históricos que transpassam

sua vida adulta e sua produção acadêmica, mas as próprias experiências de sua infância rural, em convívio com a natureza resultaram na sua disposição científica para os fenômenos e funções naturais (Oliveira, 2015).

Albertini (2011) descreve um fato marcante da infância de Reich que abre uma observação precedente às postulações de sua carreira participativa em questões de ordem social:

De acordo com Reich (1988), aos oito anos de idade, quando brincava no quintal de sua casa, um menino, filho de um camponês, atirou uma pedra que o atingiu na testa e ocasionou um pequeno ferimento. Cäcilie, depois de lavar o machucado, contou o fato a Leon. Este mandou chamar o menino e seu pai e, depois de se reportar brevemente o ocorrido, passou a golpear fortemente o trabalhador que, para o espanto de Reich, não esboçou qualquer reação (Albertini, 2011, p.161).

Entre 1909 e 1914 a família Reich protagonizou eventos bastante pesados. Após o envolvimento amoroso de Cäcilie com um dos preceptores de Wilhelm, o menino foi enviado para o Liceu de Czernowitz, instituição educacional no qual continuou os estudos. Em 1910, após severos maus tratos físicos e psicológicos, Cäcilie faleceu devido à ingestão de medicamentos, após a terceira tentativa. Vítima de tuberculose, Leon morreu em 1914 deixando órfãos Robert e o irmão mais velho (Albertini, 2011).

Sem recursos financeiros para gerir a fazenda e assombrados pelos desdobramentos do início da Primeira Guerra, Robert abrigou-se na casa de parentes e Wilhelm voluntariou-se ao exército austríaco. Em novembro de 1918, o encerramento do conflito demandou de Reich um reajuste à vida social. Decretada a falência da propriedade rural, os irmãos Reich fixaram residência em Viena (Albertini, 2011). Após ingressar na faculdade de Medicina da Universidade de Viena, teve contato com os postulados psicanalíticos conhecendo Freud em

um seminário sobre sexologia em 1919. Após se graduar em 1922, passou a atuar junto a pacientes com distúrbios mentais (Oliveira, 2015).

Reich integrou a Sociedade Psicanalítica de Viena entre 1920 e 1934. Neste período desenvolveu boa parte de suas considerações teóricas, buscando estabelecer metodologias práticas mais eficazes em relação às resistências. Mudou-se para Berlim em 1930 para inserir-se com maior representatividade em movimentos de transformações sociais como, por exemplo, a fundação da Sexpol - Política Sexual Proletária - ligada ao Partido Comunista e a publicação do livro “Psicologia de Massas do Fascismo” evidenciando a repressão sexual “como uma espécie de matriz que prepara o indivíduo para a aceitação das demais repressões” (Albertini, 2011, p.165).

Forçado pela ascensão de Hitler e expansão do nazifascismo, deixou a Alemanha em 1933, estabelecendo-se posteriormente na Noruega, compondo o corpo acadêmico do Instituto de Psicologia de uma universidade em Oslo. Em 1939 migrou para os Estados Unidos onde, de forma mais independente, desvinculado de associações psicanalíticas ortodoxas e instâncias políticas, trabalhou e aprofundou seus estudos sobre bioenergética até 1954, quando passou a ser investigado por preconizar intervenções que não haviam sido testadas e aprovadas pelas instituições médicas, culminando em sua prisão no ano de 1957. Oito meses depois Reich morreu vitimado por um ataque cardíaco (Albertini, 2011; Oliveira, 2015).

Corpo, energia e orgasmo

Durante boa parte de sua carreira, Reich articulou psicanálise e marxismo para no desenvolvimento de projetos de intervenção junto à sociedade. Albertini (2011) esclarece ainda que uma ampla fração do material teórico produzido por Wilhelm examina a dominação e a aceitação a ela. Dadas as aproximações com a obra freudiana acerca da moral sexual e

suas neuroses, o autor de “Revolução Sexual” (Reich, 1968) aborda os elementos e instituições dominantes e repressores da sexualidade no meio social, apontando família, matrimônio, escola e entidades religiosas como partes desta estrutura.

Assim, uma das principais fontes de neuroses seria a repressão sexual calçada em fatores que extrapolam o sujeito e alcançam elementos culturais da uma sociedade, reflexos de costumes e épocas. Neste sentido, é sentida e perpetuada desde à infância, passando pela adolescência até a idade adulta. Schiavan e Sposito (2009) afirmam que “crianças criadas em uma atmosfera familiar neurótica e repressora também se transformariam em adultos sexualmente reprimidos, culpados e com medo de sentir prazer” (Schiavan & Sposito, 2009, p.4).

Estabelecendo conexões entre as repressões morais e os princípios econômico-sexuais, Reich, centrado nos aspectos da sexualidade relacionados às neuroses, faz a seguinte análise social:

A miséria sexual na sociedade autoritária e patriarcal é o resultado da negação e repressão sexuais, que lhe são intrínsecas e provocam a estase sexual, a qual por seu lado produz as neuroses, as perversões e o crime sexual. Por essa razão uma sociedade que não tem interesse na repressão sexual deve estar livre da miséria sexual. [...] Podemos dizer que os membros de uma tal sociedade vivem *conformemente à economia sexual*, o que quer simplesmente significar que detêm uma *economia energética naturalmente regulada*. Investiguemos em seguida o modo como a vida sexual é regulada, e de antemão afirmamos que ela é regulada pela *satisfação do instinto sexual* e não por normas morais” (Reich, 1988, p.29-30).

A partir desta compreensão de sujeito incorporado aos fundamentos de sua época, na medida em que seu trabalho se emancipa das instituições e do engajamento político-social, a teoria reichiana se aprofunda nos conceitos bioenergéticos, passando a compreender o sujeito

a partir de uma perspectiva tal que não se admite “uma mente separada da repercussão física no corpo e vice-versa. Dessa forma, um corpo doente seria uma fonte de adoecimento para a mente e, uma mente perturbada, teria um impacto importante no enrijecimento e/ou contração muscular” (Oliveira, 2014, p.6). Intensificando sua pesquisa sobre o prazer e angústia, Reich observou em termos fisiológicos a existência de uma energia vital, cujo caráter pode ser atribuído à natureza sexual, comportando-se de forma diferente ao funcionamento da eletricidade em termos gerais. A este fato conjectura a hipótese de uma nova forma de energia, a qual chamou de Orgone (Albertini, 2011).

Sobre a Orgone, apreende-se que “tal energia seria livre de massa, sem inércia nem peso. Estaria em constante movimento e seria o centro das atividades criativas no homem” (Oliveira, 2015, p.7). Deste modo, o funcionamento da energia orgônica manifesta-se de forma comum a todo organismo vivo, governando e se manifestando pelas formas em que se apresentam as emoções e através de acenos biofísicos. Ao passo que corresponde energia vital relacionada à sexualidade, encontra vazão através de fenômenos de descargas bioenergéticas. Em outras palavras, o contato físico decorrente das manifestações corporais das vivências sexuais gera um acúmulo de energia que é aliviado através do orgasmo (Oliveira, 2015).

Para Reich, a potência orgástica é uma variável direta da saúde psíquica baseada na atitude não-neurótica do indivíduo em sua capacidade para o amor e seus atos, ou seja, a capacidade que possui de doar-se à experiência sexual e vivenciar o clímax de excitação no ato sexual natural (Volpi, 2005). Os postulados reichianos apresentam a teoria do orgasmo e, a partir disto, a Análise do Caráter que consiste na verificação do mecanismo narcisista de defesa descrito como um endurecimento no qual cada atitude possui um correspondente atitudinal físico, expresso no corpo sob a forma de rigidez ou couraça muscular. Schiavan e Sposito (2009) definem caráter em Reich

“como uma defesa narcísica contra o mundo externo, o ambiente, as relações pessoais. O caráter é a forma por excelência de comportamento. É o que dá constituição aos nossos atos. É o nosso jeito de ser. [...] é percebido pelos gestos, pela forma ou ainda pela intenção da forma. É movido pela energia interna adquirida das trocas energéticas com as relações afetivas. Funciona contraindo e expandindo, pulsando. Em situações de prazer essa blindagem se for móvel se expande, em situações de desprazer ela se contrai” (Schievan & Sposito, 2009, p.3).

As couraças musculares podem ocorrer em diversas regiões do corpo, indicando restrições emocionais e psíquicas diversas. A couraça localizada na região pélvica vinculada às correspondências atitudinais do Caráter Genital está diretamente relacionada à ansiedade, à raiva e ao prazer. Oliveira (2015) elucida que, em termos reichianos, renunciar às couraças deste caráter implica na obtenção de potência orgástica, ou seja, “a capacidade de descarregar completamente uma excitação sexual reprimida, através de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo” (Oliveira, 2015, p.8).

Na direção oposta, as enfermidades psíquicas seriam resultantes de qualquer desordem na capacidade natural de se relacionar amorosamente. “No caso da impotência orgástica, de que sofre a esmagadora maioria, ocorre um bloqueio na energia biológica, e esse bloqueio se torna a fonte de ações irracionais. A condição essencial para curar tais perturbações é o restabelecimento da capacidade natural de amar” (Volpi, 2005, p.3).

Anorgasmia feminina em Reich

A impotência orgástica resulta em uma carga diferente da descarga sexual, a estase sexual ou insatisfação - matriz energética neurótica (Schiavan & Sposito, 2009; Volpi, 2005). Ou seja, as pessoas que possuem alguma obstrução da energia biológica que resulta na

impotência orgástica acumulam neuroses que, segundo Reich (1927, citado por Piccinini & Volpi, 2015) são oriundas de alterações físicas nas funções genitais advindas de excitações sexuais não resolvidas.

Os desdobramentos destes acometimentos incluem uma produção sintomática variada culminando em disfunções sexuais. No caso das mulheres, as realizações somáticas podem incluir dores na tentativa ou durante o ato, desconfortos em geral, insensibilidade vaginal ou perturbações isoladas que não as impeçam de sentir prazer durante as preliminares fisiológicas mas não durante a penetração ou aos estímulos genitais em si. Os autores observam que

“a mulher potencialmente orgástica, durante a penetração transmite simultaneamente a excitação sentida no clitóris para a mucosa vaginal. Já os interditos para que esse estágio não ocorra podem estar relacionados a inúmeros fantasmas inconscientes que indiretamente prejudicam a transferência da excitação do clitóris para a vagina” (Piccinini & Volpi, 2015, p.6).

Os preceitos das práticas terapêuticas reichianas estão ancorados na compreensão do corpo não como algo posto, mas como uma configuração histórica, erguido sobre a cultura (Albertini, 2011). Ao considerar a construção cultural das sociedades ocidentais no correr dos séculos, o que se encontra no lugar da mulher é um espaço restrito à submissão e à inferioridade no sistema patriarcal. Em relação à sexualidade feminina, sobrepõem-se culturalmente valores morais e religiosos, a rotulação de pecado, a proibição do prazer, a restrição do ato sexual à prática reprodutiva, restrição à instituição matrimonial, educação sexual orientada para a satisfação do marido, etc. (Beauvoir, 1967; Foucault 1984; Friedan, 1971).

A psicologia reichiana enfatiza a necessidade de evitar a confusão entre ato sexual e entrega amorosa (Volpi, 2005). Ao ato sexual concernem as etapas fisiológicas demandadas

pelo processo, à entrega atrelam-se as subjetividades e todas as suas constituições. Considerando os conceitos teóricos supramencionados e dados os múltiplos fatores externos que influenciam a subjetividade feminina e a possibilidade de comprometimentos do Caráter Genital, ou seja, encorajamento muscular da região pélvica em função das estases sexuais (formação neurótica), sugere-se como expectativa de tratamento a vegetoterapia. Trata-se de uma “técnica indicada para o desbloqueio e desencorajamento do sujeito, além de trabalhar para reconstruir de maneira funcional, o desenvolvimento psicoafetivo do indivíduo. [...] o tratamento vegetoterapêutico das atitudes musculares é intrincado ao trabalho sobre as atitudes do caráter” (Piccinini & Volpi, 2015).

Volpi (2005) corrobora com a noção de que tal terapêutica deve integrar as dimensões físicas e psíquicas:

tornar o paciente consciente dos impulsos sexuais reprimidos garante a cura apenas quando também se elimina a fonte de energia da neurose e a estase sexual, ou seja, quando a consciência das exigências instintivas restaura também a capacidade de obter plena satisfação orgástica (Volpi, 2005, p.5).

Sobre a rigidez pélvica em específico, Navarro (1995, citado por Piccinini e Volpi, 2015) esclarece que se trata de uma formação ocasionada pela negação inconsciente da sexualidade genital, uma movimentação psicodinâmica moralmente fundamentada na qual o medo do julgamento alheio expressado pela função superegógica está aportado na musculatura das coxas.

No intento de liberar os reflexos orgasmáticos a abordagem reichiana orienta investigar e apreender as inibições subjetivas e os pontos físicos que obstruem estes reflexos, bem como intensificar os mecanismos e os impulsos inibidores involuntários, oportunos para a liberação completa do impulso vegetativo bloqueado como, por exemplo, o movimento para frente da pélvis e técnicas de respiração (Piccinini & Volpi, 2015).

Considerações finais

Embora não haja no Brasil muitos estudos (Dias, Santos & Vasconcelos, 2014) que abordem a anorgasmia, em especial dentro de uma perspectiva reichiana, esse breve ensaio nos permite contemplar o quanto a teoria proposta por Reich sobre o orgasmo abre possibilidades para uma compreensão mais ampla da etiologia da anorgasmia e, posteriormente, seu tratamento. Diante deste cenário, novas pesquisas sobre o tema em questão podem contribuir para a capacitação de profissionais da área e o aperfeiçoamento de políticas públicas que lidam com a saúde da mulher, uma vez que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) posta a sexualidade como um dos pilares da qualidade de vida e pesquisas no Brasil sobre a sexualidade feminina (Abdo, 2009) assinalam que 26,2% das mulheres não atingem o orgasmo e que 20% a 40% das mulheres apresentam alguma disfunção sexual.

A relevância de buscar compreender e tratar a anorgasmia além do ponto de vista teórico dominante - bases biológicas - se dá pelo fato que a dificuldade da mulher em obter o orgasmo em idade fértil, estar vinculada em sua maioria a fatores socioculturais. E Reich, principalmente em suas obras *A Função do Orgasmo* (1986) e *Análise do Caráter* (1995) consegue elaborar sua teoria e prática terapêutica a respeito da função orgasmo abarcando sistemicamente o tripé biopsicossocial sem dissociá-los. Como abstração prática dos conteúdos aqui expostos, pesquisas na Europa (Ventegodt, Braga, Nielsen & Merrick, 2009) com mulheres que apresentaram disfunções sexuais femininas, entre elas a anorgasmia, após serem diagnosticadas e comprovadas por médicos foram submetidas a um tratamento – 20 sessões ao longo de um ano - em que a terapêutica principal era a análise do caráter proposta por Reich e terapia corporal inspirada nos trabalhos de Hipócrates, Reich (1968, 1986, 1995), Lowen (2004) e Rosen (2003) relataram uma melhora significativa das mulheres nas

dimensões: qualidade de vida , saúde e questões existenciais e não apenas uma cura na área sexual. Vale ressaltar, que o “bloqueio” do orgasmo talvez seja uma das disfunções sexuais que ocorre com maior frequência entre as mulheres e que, provavelmente, “...deixa as marcas mais sensíveis na mulher. No corpo, a dor pélvica surda e persistente; na alma, a destruição do autoconceito.” (Glina & Anker, 2013, p.391)

Portanto, visto que a anorgasmia feminina afeta a qualidade de vida da mulher em varias dimensões e que tem na repressão sexual através da educação dos pais (Reich,1988) e também nas imposições da sociedade sobre o direito do prazer sexual da mulher (Foucault, 1984) sua principal origem, a teoria reichiana se mostra relevante na compreensão desse fenômeno do universo feminino. Somado a isto, o presente momento no qual a sociedade brasileira é permeada por um discurso sociopolítico conservador e repressor, que ressoa de uma forma contundente no que tange às questões ligadas à sexualidade, entre outras, faz-se necessário uma reflexão sobre o impacto dessa problemática, também, sobre a liberdade do feminino na busca e encontro do prazer do orgasmo sexual e da vida.

REFERÊNCIAS

Abdo, C. H. N (2009). Quociente sexual feminino: um questionário brasileiro para avaliar a atividade sexual da mulher. *Diagn Tratamento*, 14 (2) ,89-1. Recuperado em 15 de Março de 2018 de <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf>

Albertini, Paulo. (2011). Wilhelm reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 159-176. Recuperado em 19 de Agosto de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004&lng=pt&tlng=pt.

Anjos, G. P. & Oliveira, C. (2007) *Epidemiologia de anorgasmia em mulheres sexualmente ativas na faixa etária entre 18 á 60 anos na Fundação Hospital Adriano Jorge na cidade de Manaus – AM*. (Projeto de pesquisa/2007) Manaus, AM, Curso Básico de Uroginecologia, Fundação Hospital Adriano Jorge, FHAJ.

Avila-Pires, F. D. (1987). Por que é básica a pesquisa básica. *Cadernos de Saúde Pública*, 3(4), 505-506. Recuperado em 07 julho, 2018 de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1987000400013>

Bearzoti, P. (1994). Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 52(1), 113-117. <https://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100024>

Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo II - A experiência vivida*. (S. Milliet, Trad.) (2ªed.) São Paulo: Difusão Européia do Livro

Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 233-239. Recuperado em 27 junho, 2018 de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006>

Cassetari da Silva, Y. A. (2015). A relação entre o uso dos prazeres e a biodinâmica social do corpo: diálogo entre M. Foucault e W. Reich. *Regrad*, 8 (1), 112-121. Recuperado em 20 junho, 2018 de <http://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/776/397>.

Ceccarelli, P. R. (2012). Mitos, sexualidade e repressão. *Ciência e Cultura*, 64(1), 31-35. Recuperado em 26 junho, 2018 de http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100013&lng=en&tlng=pt.

Dias, J. C., Santos, W. S., Pereira, J. S. & Vasconcelos, R. F. D. (2015) Anorgasmia feminina. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, 2(6), 1-4.

Foucault, M. (1984). *A história da sexualidade 3: o cuidado de si*. (M. T. C. Albuquerque, Trad.) São Paulo: Graal. (Obra original publicada em 1926).

Foucault, M. (1984). *A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. (M. T. C. Albuquerque, Trad.) São Paulo: Graal. (Obra original publicada em 1926).

Friedan, B. (1971) *Mística Feminina*. (A. B. Weissenberg, Trad.) Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Freud, S. (1920) *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. (Vol.18) (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) Rio de Janeiro: Imago.

Giddens, A. (1992) *A transformação da intimidade - sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, Trad.) São Paulo: Editora Unesp.

Glina, S., Anker, C. (2013) *Manual prático de condutas em medicina sexual e sexologia*. São Paulo: Santos.

Goldberg, M. A. A., Baptista, M. T. D. S., Barreto, E. S. S., Menezes, S. M. C. & Arruda, N. C. (1975) Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família. *Cadernos de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas*, 15, 86-123. Recuperado em 27 junho, 2018 de <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1815>

Grego, C., Souza, J. F. & Bernava, P. (2015) Prevalência de anorgasmia em universitárias, (Tese de Conclusão de Curso) Faculdade de Americana, Americana, São Paulo, Brasil.

Ipiranga, A. S. R. & Almeida, P. C. H. (2012). O tipo de pesquisa e a cooperação universidade, empresa e governo: uma análise na rede nordeste de biotecnologia. *Organizações & Sociedade*, 19(60), 17-34. Recuperado em 07 julho, 2018 de <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302012000100002>

Nicholas, Aurelie et al. (2008) A woman's history of vaginal orgasm is discernible from her walk. *The Journal of Sexual Medicine*, 5 (9), 2119 – 2124. Recuperado em 07 julho, 2018 de <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2008.00942.x>

Olivet, E. M. P. (2009, abril) Anorgasmia em mulheres com parcerias estáveis: revisão de literatura. *Anais do SIES - Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM* ISSN 2177-1111, Maringá, PR, Brasil, 24.

Oliveira, G. F. (2014) Considerações Sobre a Teoria de Wilhelm Reich. *Revista latino-americana de psicologia corporal*, (2), 6-7. Recuperado em 20 junho, 2018 de <http://psicorporal.emnuvens.com.br/rbpc>

Oliveira, G. F. (2015) Wilhelm Reich: Aspectos Histórico-biográfico e sua visão sobre o corpo. *Revista latino-americana de psicologia corporal*, (4), 6-9. Recuperado em 06 junho, 2018 de <http://psicorporal.emnuvens.com.br/rbpc>

Organização Mundial da Saúde (2001)

Piccinini, E. P. & Volpi, J.H. (2015) Anorgasmia Feminina. *Anais do Congresso Brasileiro e XX Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Curitiba, PR, Brasil, 12.

Reich, W. (1995) *Análise do Caráter*. (2a. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Reich, W. (1986) *A função do orgasmo* (12ªed.). São Paulo: Editora Brasiliense.

Reich, W. (1988) *As origens da moral sexual*. (J. F. Fernandes & J. Mendes, Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote.(Obra original publicada em 1931).

Reich, W. (1968) *Revolução Sexual*. (A. Blaustein, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1936).

Schiavan, M. & Sposito, F.V. (2009) A visão de Reich para o Orgasmo: compreendendo o significado de uma terapia do orgasmo. *Anais do XIV Encontro Paranaense, IX Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais*, Curitiba, PR, Brasil, 12.

Ventegodt et al. (2009) Clinical holistic medicine: Holistic sexology and female quality of life. *Journal of Alternative Medicine Research*, 1 (3), 321-330. Recuperado em 15 de Março de http://livskvalitet.org/pdf/JAMR-2009_I_%283%29_Holistic_sexology.pdf

Volpi, J.H. (2005). Reich e economia sexual. *Artigo do curso de Especialização em Psicologia Corporal*. Curitiba: Centro Reichiano.